

Poesia, memória e produção de texto na educação básica

Poetry, memory and text production in Basic Education

Mara de Deus Patrício

Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia
Email: mara.patricio@ufu.br

RESUMO: O artigo em questão trata a produção de texto como prática importante para a Educação Básica e destaca o gênero lírico como suporte para as atividades em sala de aula. Fundamenta-se em autores de referência da área da Leitura e Literatura tais como Pinheiro (2018), Solé (1998), Sant'Anna (2015), dentre outros. Destaca textos poéticos de Carlos Drummond de Andrade para o desenvolvimento das atividades e aponta como tais exercícios podem ser trabalhados com os alunos. Conduz ainda uma reflexão acerca da importância de se escolher bem os textos a serem trabalhados e faz considerações sobre a leitura e a escrita como práticas constantes na formação do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Produção de texto. Leitura. Poesia. Escola.

ABSTRACT: This paper deals with text production as an important practice for Basic Education and highlights the lyrical genre as a support for classroom activities. It is based on leading authors in the field of Reading and Literature such as Pinheiro (2018), Solé (1998), Sant'Anna (2015), among others. It highlights poetic texts by Carlos Drummond de Andrade for the development of activities and points out how such exercises can be used with students. It also conducts a reflection on the importance of choosing the texts to be worked well and makes considerations about reading and writing as constant practices in the reader's formation.

KEYWORDS: Text production. Reading. Poetry. School.

Considerações iniciais

Vivenciamos uma constante busca de atividades por parte dos professores da área de Linguagens que possam incrementar o trabalho em sala de aula, visto que hoje, com tantas plataformas, suportes e recursos tecnológicos, planejar uma aula diferenciada custa um pouco mais quando o desejo maior é estimular a leitura e a escrita.

Assim sendo, as estratégias também se intensificam quando a proposta de trabalho é o texto poético. Para muitos leitores, a poesia não é, de imediato, a primeira escolha ao adquirir ou escolher um livro. De muito tempo, tal gênero é visto ainda como um campo mais erudito e, por isso, mais difícil de ler e interpretar. Dessa maneira, o lírico é posto de lado, deixado para depois. E quando se trata do contexto escolar, o processo de aproximação, poesia e leitor, fica ainda mais comprometido.

O presente artigo tem por objetivo trabalhar o texto poético como suporte para a produção de texto na Educação Básica. As fontes utilizadas para a elaboração deste estudo

e embasamento teórico foram livros de autores da área de Leitura e Literatura como Solé (1998), Pinheiro (2018), Clever (2009), Silva (2009), Sant'Anna (2015), dentre outros.

Discussões teóricas

A escola como espaço de aprendizagem tende a repetir suas práticas e atividades, tornando o ensino exaustivo, às vezes, para professores e alunos. Essa circunstância dificulta o gosto pela leitura e o apreço pela literatura. Por conseguinte, a situação ainda afeta a produção de escrita, posto que os alunos se sentem desestimulados e preguiçosos com o que eventualmente vem sendo proposto por meio das tarefas pautadas em fichas engessadas com o intuito, apenas, de preenchimento de nota. Com esse procedimento, perde-se muito tempo no cotidiano das aulas, e os alunos continuam sendo impelidos em suas atividades restritas a tipo de trabalho escolar.

Conforme Pinheiro (2018),

De todos os gêneros literários, provavelmente é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico em sala de aula. Pesquisas mais antigas e também recentes apontam sempre certo distanciamento entre o leitor escolar e o gênero lírico. (PINHEIRO, 2018, p. 11).

Importa destacar que a reflexão sobre a carga disciplinar para a escola é algo urgente ao mesmo tempo em que não se pode transferir para o ensino da Língua Portuguesa toda a responsabilidade de fazer do aluno um ser pensante e crítico, além de formá-lo como leitor. A soma dos esforços das demais disciplinas conta muito para que a equação tenha sucesso na formação desse leitor que vai produzir textos não só para a disciplina de Língua Portuguesa, mas também para a Matemática, Ciências, Geografia, História e outras. Guedes (2006) registra que “Ensinar a ler, tarefa da escola, do professor, é promover um encontro de leituras.”

De acordo com Koch e Elias (2014),

Se houve um tempo em que era comum a existência de comunidades ágrafas, se houve um tempo em que a escrita era de difícil acesso ou uma atividade destinada a alguns poucos privilegiados, na atualidade, a escrita faz parte da nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, email, listas de compras, etc), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia-a-dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, emails, etc, etc). (KOCH E ELIAS, 2014, p. 31).

Assegura-se, portanto, que a atividade da escrita envolve aspectos de natureza variada na vida de todos nós. É, por assim dizer, tarefa de todos os professores incentivar a escrita, valorizar as produções, exigir cuidado e atenção por parte dos alunos e motivá-los a se tornarem bons escritores e leitores.

São muitos os gêneros textuais que podem servir como suporte para as atividades em sala de aula. A variedade de textos disponibilizada para o aluno importa bastante porque enriquece sua leitura, sua bagagem vocabular, além de oferecer uma leitura consistente de informações que vão além do contexto da escola. O jornal, a prosa, o haikai, o romance, o conto, a crônica são leituras agradáveis e relevantes que formam o leitor desde sempre. Também é fundamental salientar que existem diferentes tipos de leitura e aqui ganha espaço o que Paulo Freire chamou de leitura de mundo, assim destacada por Silva (2009):

Outra forma de leitura é o que Paulo Freire chamou de leitura de mundo. Diferentemente da leitura mecânica, na qual nos iniciamos na escola, a leitura de mundo é um processo continuado, que começa no berço e só se encerra no leito de morte. Com sua habilidade de ler o mundo, marcada pela subjetividade de cada um, o leitor aproxima-se do texto, tentando decifrar seus códigos e sinais. (SILVA, 2009, p. 23).

Outro ensinamento de Silva (2009) é de que, ao chegar ao Ensino Médio, o aluno já deve se encontrar em um estágio de autonomia para ler qualquer texto, estabelecendo relações entre o texto lido e a realidade, emitindo juízos de valor. Dessa forma, estará apto a se aprofundar em outras leituras mais específicas. Esse é o esperado, embora a realidade de muitas escolas, alunos e professores seja outra já comprometida pela defasagem de aprendizagem, configurando-se, assim, um descompasso que afeta diretamente a passagem desse aluno para o ensino superior.

Ao insistirmos nas informações que cercam a prática da leitura, vislumbramos o que Solé (1998) diz sobre esse exercício:

Ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta. As crianças e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler. (SOLÉ, 1998, p. 90).

A motivação é outro fator de relevância no contexto da leitura e que, por conseguinte, vai fazer toda a diferença para a produção de texto. Incentivar a leitura, oferecer um texto ou livro que mereceu uma pesquisa e cuidado na sua escolha por parte do professor é garantia de interesse, envolvimento, entusiasmo e de retorno. Porque o certo é ter o retorno dessa leitura. Não apenas em trabalhos ou atividades que serão posteriormente avaliados. Mas de leituras que serão motivo de debates, questionamentos, trocas de experiência. Leituras que resultem em futuras sugestões para outros alunos e demais interessados. Mais que isso, a leitura vai contribuir, finalmente, para fortalecer a bagagem cultural e vocabular do aluno favorecendo uma escrita mais segura e criativa.

A proposta de trabalhar a poesia com a produção de texto não é, evidentemente, inovadora. No entanto, como a poesia é aquele gênero que muitos deixam para depois, adiam sua leitura por exigir, para muitos, uma atenção maior na sua interpretação em uma prática leitora tão necessária, a escola precisa garantir um espaço para o lírico a fim de tratar das atividades que envolvem esse gênero com igual entusiasmo e importância. A cadência dos versos, seu ritmo e suavidade são agentes propulsores de emoções grandiosas que

ajudam a equilibrar nossas decisões, ajudam a temperar nosso cotidiano além de nos elevar o espírito dando-nos leveza e tranquilidade.

De acordo com Sant'Anna (2015):

Há ruídos demais no mundo, e a poesia, quando autêntica, recupera nossos elos perdidos. Elos que nem sabíamos existir, mas que vão se compondo no fragmento das palavras até que de repente o sentido emerge. E poesia é isto, revelação, epifania. (SANT'ANNA, 2015, p. 151).

Por esse caminho de revelação, o professor precisa também apegar-se à sua sensibilidade para que assim, tomado por sentido de leveza e emoção, escolha com prazer os textos poéticos a serem trabalhados em sala de aula bem como atente para a escolha dos poetas a serem apresentados aos seus alunos. O aluno estará igualmente sensibilizado por um texto que dê a ele condições de interpretar e se identificar, acima de tudo. É preciso que o texto poético tenha um significado para quem o lê.

De acordo com Silva (2009):

Entendida assim, amplamente, a poesia pode, de fato, estar em toda a parte: uma bela paisagem, na movimentação incessante do mar, nas cores do crepúsculo, na leveza de um gato, nos olhos do ser amado. Como acontece com o amor, sua existência depende mais do sujeito que a percebe do que do objeto que supostamente a contém. (SILVA, 2009, p. 99).

Isto posto, é possível ver a poesia como um cenário para muitas vivências. De situações simples a um amor impossível. E para tanto, cabe aqui abrir um outro canal: a poesia trabalha a memória de forma primorosa. Guarda lembranças que só esperam o momento de subirem ao topo do pensamento para, enfim, transformarem-se em texto poético. Há, portanto, uma possibilidade de um excelente trabalho com a poesia em sala de aula.

Nessa perspectiva, importa delinear a diferença entre o texto da prosa e o da poesia, assim caracterizados por Silva (2009):

Enquanto a prosa, firmemente atrelada às rédeas da sintaxe, guia-se pela lógica e põe em ação a mente racional do leitor, a poesia, ao contrário, fala a uma parte do nosso ser que pertence ao domínio do intuitivo. Ela fala à nossa subjetividade, mobiliza a emoção, atinge nosso lado noturno, que recusa e dispensa os caminhos da lógica. A linguagem poética, portanto, guarda um parentesco com a linguagem do devaneio e do sonho, falando diretamente à nossa emoção. (SILVA, 2009, p. 102).

Bem sinalizado pela autora acima, o que o texto poético nos embala em sonhos e devaneios é também destacado por Bachelard (1988), em sua obra *A poética do devaneio*, quando o autor diz que “Todos os sentidos despejam e se harmonizam no devaneio poético.

É essa polifonia dos sentidos que o devaneio poético escuta e que a consciência poética deve registrar”.

E aos registros, soma-se a memória. Alinhando, pois, uma proposta para a produção de texto poético em sala de aula, em que a memória pode ser explorada envolvendo os sentidos de maneira bastante completa, apontamos como sugestão de trabalho alguns textos do poeta Carlos Drummond de Andrade. A opção se deve ao objeto de estudo do mestrado da autora deste artigo que escolheu aprofundar-se nas miudezas poéticas de Drummond. Desta feita, já muito conhecido, o poeta mineiro, ainda assim, merece uma apresentação.

Drummond (1902-1987) nasceu em Itabira do Mato Dentro (MG). Consagrado no cenário do Modernismo Brasileiro, o poeta deu aos seus escritos um olhar aguçado, revelando na denúncia social as mazelas do Brasil. Concebeu sua produção literária com sensibilidade e humor. No que escreveu, registrou o cotidiano do cidadão comum que, entre o trabalho e os amores, é um observador atento. Drummond percorreu caminhos que o levaram a outras paragens, mas reservou um lugar especial em suas memórias para a sua Itabira, revisitando o seu passado sempre com muita saudade. Dessas memórias, emendou poesia e prosa, crônicas e contos, cartas e anotações.

De acordo com Sant’Anna (1980):

Itabira é ele mesmo, o passado de Itabira é a projeção de si mesmo no futuro. Itabira, por conseguinte, é a projeção de si mesmo, o passado de Itabira é o seu passado, o futuro de Itabira, por conseguinte, é a projeção de si mesmo no futuro. Itabira é principalmente a polis do poeta. Ela é a soma da cidade e da região, uma verdadeira cidade-estado no topo do tempo. (SANT’ANNA, 1980, p. 101).

Nessa perspectiva, não é difícil encontrar, na poesia de Drummond, miudezas que nos permitem identificar sentimentos importantes ora concentrados em um objeto, ora identificados em um personagem, ou em uma carta e até mesmo, em se tratando da memória afetiva, o poeta refere-se aos doces de Minas que o inspiraram poeticamente também.

Sugestões para práticas na sala de aula

É possível planejar momentos em sala de aula em que a memória dos alunos venha a ser uma pauta para uma boa e sensível produção de texto. Nos poemas a seguir, identificam-se algumas possibilidades para tais atividades. Vejamos:

TRÊS COMPOTEIRAS

Quero três compoteiras
de três cores distintas
que sob o sol acendam
três fogueiras distintas.

Não é para pôr doce
em nenhuma das três.
Passou a hora de doce,
não a das compoteiras,
e quero todas três.

É para pôr o sol
em igual tempo e ângulo
nas cores diferentes.
É para ver o sol
lavrando no bisel
reflexos diferentes.

Mas onde as compoteiras?
Acaso se quebraram?
Não resta nem um caco
de cada uma? Os cacos
ainda me serviam
se fossem três, das três.

Outras quaisquer não servem
a minha experiência.
O sol é o sol de todos
mas os cristais são únicos,
os sons também são únicos
se bato em cada cor
uma pancada única.

Essas três compoteiras,
revejo-as alinhadas
tinindo retinindo
e varadas de sol
mesmo apagado o sol,
mesmo sem compoteiras
mesmo sem mim a vê-las,
na hora toda sol
em que me fascinaram.

(Carlos Drummond de Andrade. *Menino Antigo*, *Boitempo II*, 1973)

O poema de Carlos Drummond de Andrade, *Três Compoteiras* (*Menino Antigo*, *Boitempo II*) tem, na sua composição, um tratado de memória registrado também no livro *Querida Favita: cartas inéditas*, quando o poeta, por meio de uma missiva à sua sobrinha, refere-se às jarras enviadas gentilmente para ele e nas quais se inspira para a produção do poema. Assim sendo, cabe ao professor estimular o aluno a lembrar de algum objeto importante guardado em casa e pelo qual a família tem muito apreço. Fazer perguntas sobre esse objeto, sobre o que cerca esse sentimento de zelo, levantar dados sobre o objeto (Foi ofertado por quem? Onde é guardado? Está em uso ou é só objeto de decoração?) facilita

para o aluno na elaboração de um registro afetivo que, transposto em palavras, possa ganhar rimas e ritmo, possa registrar a sua saudade.

Assim, a leitura da poesia de Drummond pode incentivar o aluno a reconhecer no texto poético uma prática emocionante de lidar com a memória.

Para o trabalho com a produção de texto direcionado ao Ensino Fundamental I e II, Pinheiro (2018) esclarece:

Há muitas experiências que a criança e o adolescente não viveram, não conhecem e, portanto, não poderão sugerir. Nessa perspectiva, devemos levar aos nossos alunos textos novos que poderão integrar seu universo de leitura. Não é aconselhável ficar apenas nos temas que foram sugeridos por eles. Às vezes, temas “pesados” – como a guerra, a violência – possibilitam experiências riquíssimas: discussão, apreensão de imagens, ritmos, causas e consequências da guerra etc. Portanto, o recurso da pesquisa é indispensável como recolha de dados para iniciar o trabalho, mas a experiência não deve se esgotar neles. (PINHEIRO, 2018, p. 24).

Conforme sinalizado, é necessário que o professor esteja atento aos temas a serem trabalhados com a escolha do texto poético. A memória afetiva é um trajeto de inspiração para as crianças e adolescentes que, embora com pouca idade, têm lembranças de familiares, passeios, presentes, festas e comemorações que certamente embalam muitos sonhos e desejos. Mas também não se deve fechar possibilidades a outros temas que mereçam a atenção dos alunos e que os inspirem a escrever, ainda que tais lembranças não sejam tão positivas assim.

É importante ressaltar, mais uma vez, que o trabalho com a leitura e produção de texto tenha ligação direta com o significado. O aluno, ao ler um texto poético ou não, precisa identificar elementos que favoreçam a construção de sentido e assim, ao escrever, seja capaz de levantar recursos para sua produção. De acordo com Dalvi (2013):

Os textos literários são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social-econômico-cultural. Principalmente para alunos economicamente desfavorecidos, o acesso ao circuito literário é, às vezes, tão impensável quanto um cruzeiro nas ilhas gregas. No entanto, a escola se esquece de que talvez fosse o caso de apurar o olhar para a análise de formas literárias populares, como a música que toca nas rádios, a novela, o filme de Hollywood, o grafite como poesia visual etc., buscando nessas manifestações seus pontos de contato com a dita alta literatura, a fim de mais construir pontes que erguer muros – e com isso estamos no oposto de defender um “barateamento” estético ou político do literário. (DALVI, 2003, p. 75).

Nessa perspectiva, os poemas de Drummond aqui apresentados, mostram situações de uma vida simples, com elementos que, trabalhados poeticamente pelo autor, reforçam o seu significado de uma vida cotidiana vivida na infância e que marcaram a memória do poeta legitimando sua interpretação.

Outro texto que sugere um bom trabalho para a produção de texto é o que segue.

BANHO DE BACIA

No meio do quarto a piscina móvel
tem o tamanho do corpo sentado.
Água tá pelando! mas quem ouve o grito
deste menino condenado ao banho?
Grite à vontade.
Se não toma banho não vai passear.
E quem toma banho em calda de inferno?
Mentira dele, água tá morninha,
só meia chaleira, o resto é de bica.
Arrisco um pé, outro pé depois.
Vapor vaporeja no quarto fechado
ou no meu protesto.
A água se abre à faca do corpo
e pula, se entorna em ondas domésticas.
Em posição de Buda me ensaboo,
Resignado me contemplo.
O mundo é estreito. Uma prisão de água
envolve o ser, uma prisão redonda.
Então me faço prisioneiro livre.
Livre de estar preso. Que ninguém me solte
deste círculo de água, na distância
de tudo mais. O quarto. O banho. O só.
O morno. O ensaboado. O toda-vida.
Podem reclamar,
podem arrombar
a porta. Não me entrego
ao dia e seu dever.

(Carlos Drummond de Andrade. *Menino Antigo*, Boitempo II, 1973)

Com a leitura deste poema, em sala de aula, é possível promover um excelente debate com a turma. O banho. Em tempos atuais, na vida urbana, é mais difícil encontrar quem ainda toma banho de bacia. Mas, e como fica quem não tem água encanada? Nossas cidades são bem servidas desse serviço de água e esgoto? Como é tomar banho de bacia no frio? E no calor? E agora, neste século, alguém na turma já tomou banho de bacia? Como foi a sensação? Por que isso aconteceu? Aqui são muitas as questões que podem ser levantadas para que o aluno se sinta motivado a escrever. Na poesia singela de Drummond, ao relembrar um momento feliz da infância, a leitura do poema traz a imagem de uma criança em um instante da vida cotidiana.

E por último, outro poema de cunho bastante singelo.

MULINHA

A mulinha carregada de latões
vem cedo para a cidade
vagamente assistida pelo leiteiro.
Pára a porta dos fregueses
sem necessidade de palavra
ou de chicote.
Aos pobres serve de relógio.
Só não entrega ela mesma a cada um o seu litro de leite
para não desmoralizar o leiteiro.

Sua cor é sem cor.
Seu andar, o andar de todas as mulas de Minas.
Não tem idade – vem de sempre e de antes –
nem nome: é a mulinha do leite.
é o leite cumprindo ordem do pasto.

(Carlos Drummond de Andrade. *Antologia Poética*, 1973)

A esse poema junta-se o trabalho efetivo do estudo da Língua Portuguesa. O fato da mulinha não ter nome, o poema oferece então a oportunidade do estudo do substantivo, por exemplo. Além disso, o professor pode abordar a questão do animal de estimação. Que nome tem? Que tipo de animal é esse? Ele é treinado? Ele faz parte da família há quanto tempo? Ou o animal de estimação já não existe mais? Que sentimento deixou? Uma mulinha pode ser um animal de estimação? Como se entregava o leite antigamente? O que contam os avós sobre isso? E assim o aluno pode ter elementos suficientes para, em versos rimados ou não, desenvolver um tema que certamente faz parte da sua realidade. Ainda tem o outro lado do poema, posto que a mulinha sem nome parece não ter importância. A única importância é mesmo entregar o leite. Então, o professor pode explorar essa “não importância” estimulando a reflexão de quantos são os que passam pela nossa vida e não o identificamos pelo nome, mas o seu trabalho é fundamental. Quem são essas pessoas, por exemplo? Por que, por vezes, não nos importa nomear as pessoas ou os animais? Tais reflexões são importantes para formar a opinião daquilo que realmente representa em nossas vidas e que fazem parte da nossa rotina.

Considerações finais

São muitos os poemas que trazem temáticas importantes para o desenvolvimento de tarefas e atividades significativas em sala de aula. Necessário se faz salientar o valor do trabalho da produção de texto como prática que concilia a reflexão, o uso adequado das palavras, o reconhecimento das situações do cotidiano que nos dão identidade e reforça a importância da leitura para o fomento da sensibilidade e das emoções tal como Bachelard (1988) se pronunciou.

Ao trabalhar a formação de leitores na escola, a dinâmica de trabalho em sala de aula exige a oferta de diferentes gêneros literários e precisa ser uma constante no planejamento escolar. E quando se trata de poesia, novamente é Bachelard (1988) quem aponta o caminho ao dizer que “O devaneio poético nos dá o mundo dos mundos”.

Ainda que o texto poético não seja o primeiro na lista de escolha das leituras de crianças, jovens e adultos, são muitas as oportunidades de trabalhar a poesia de maneira a estimular o apreço pelas rimas, emoções e sentimentos desses textos em sala de aula. O professor que busca debruçar-se com criatividade e dedicação ao planejamento de suas aulas pode recorrer ao gênero lírico sem receio, pois vai encontrar nele uma fonte de sonhos, palavras e afetividade que se configuram como um nutriente valioso para a produção de texto.

Nessa proposta, a formação do aluno leitor e do aluno escritor transcorre de forma segura, abrindo espaço para que as emoções possam equilibrar as escolhas futuras desse aluno em formação, permitindo que ele se torne um cidadão amoroso, acolhedor e generoso.

A poesia é um prazer que interfere positivamente no nosso comportamento social e pessoal, permitindo que sejamos, todos, pessoas mais flexíveis e evoluídas.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo II: Menino Antigo*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

ANDRADE, F., OLIVEIRA, M. G. (org). *Querida Favita: Cartas Inéditas*. EDUFU, Uberlândia, 2007.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CLEVER, Ronald. *Uma pitada de poesia em cada dedo de prosa*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
DALVI, Maria Amélia; JOVER-FALEIROS, Rita; REZENDE, Neide Luzia de. (orgs.). *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

GUEDES, Paulo Coimbra. *A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PINHEIRO, Helder. *Poesia na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Entre leitor e autor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Leitura literária & outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.